



Aluno (a): _____ n.º: _____

Professor(a): Thiago Judice Data: ___/___/___ Turma: _____

Texto sobre cultura nº 1

Cultura: uma visão antropológica

Desde 1877, quando Edward Burnett Tylor empregou pela primeira vez o termo “cultura” para referir-se a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana, os sentidos mais antigos e restritos desse termo foram perdendo terreno.

Entre esses sentidos mais antigos de cultura, dois, em especial, sobreviveram em formato modificado. Um deles é que em certas sociedades algumas pessoas possuem cultura, e outras não. O outro se refere ao conceito, próximo embora bastante diferente, de que certas sociedades possuem cultura, enquanto outras não.

No primeiro caso – a sociedade na qual as pessoas que possuem cultura distinguem-se das que não a têm – a linha divisória é estabelecida usualmente entre discurso apropriado e inapropriado, comportamento apropriado e inapropriado, e contrastes similares. Cultura, nessa visão, seria um conjunto formado por nascimento, posição social, educação e criação, que se traduziria em ideias e comportamentos; seria portanto também uma questão de privilégios.

No segundo caso – sociedades com cultura, e sociedades sem cultura – a cultura em si era vista como o produto de certas peculiaridades da história do grupo. Sua gênese poderia ser atribuída ao gênio de seus portadores, a alguns heróis míticos, a uma divindade benigna, ou o que seja – mas apenas algumas sociedades teriam a sorte de possuí-la.

E, nestes dois significados antigos, a diferença estava em estabelecer se essa cultura poderia ser transmitida tanto para aquelas sociedades cujos membros não a possuíam, quanto para aquelas onde apenas alguns de seus membros a possuíam.

Franz Boas com certeza fez mais do que qualquer outro antropólogo pela promoção de um conceito de cultura que englobasse a espécie humana – segundo o

qual todos os grupos humanos, e não outras formas de vida, manifestam esta propriedade ou capacidade.

O interesse de Boas se situava particularmente nas sociedades comumente rotuladas de “primitivas”. Suas características comuns mais notáveis provavelmente seriam o tamanho reduzido, o desconhecimento da escrita, tecnologia sem máquinas, e uma ordem social largamente construída em torno de laços familiares.

Ele foi visto como um “antievolucionista”, e creio que esta visão é correta, pelo menos na medida em que ele se afastou do “Darwinismo” social do seu tempo – uma perspectiva que pode ser exemplificada de forma concisa, em minha opinião, na conclusão do destacado sociólogo de Yale, William Graham Sumner, segundo a qual “os milionários são um produto da seleção natural, que atua no conjunto dos homens para escolher aqueles que satisfazem as exigências para certo trabalho a ser feito”.

A preocupação de Boas com os conhecimentos grupais particulares de outros povos – principalmente dos menos numerosos, desconhecedores da escrita e limitados tecnicamente – parece ter contribuído, entre outras coisas, para que os cidadãos das grandes sociedades, poderosas, tecnicamente desenvolvidas e agressivas da América e Europa desenvolvessem uma visão mais objetiva de si próprios.

Talvez nenhum dos escritos de Boas tenha revelado de maneira mais marcante o seu ponto de vista como a carta que escreveu a um parente durante a sua primeira visita aos esquimós, ao iniciar a sua carreira de antropólogo.

Era dezembro de 1883. Boas, seu criado Wilhelm e o esquimó que os acompanhava, de nome “Sigma”, tinham viajado sob condições altamente adversas para o extremo noroeste do Estreito de Cumberland. Caminhando por 36 horas, na maior parte desse tempo perdidos, vagando pelo gelo a 45°C negativos, suas provações só tiveram fim quando foram convidados a entrar em um iglu esquimó, onde puderam se aquecer, comer e dormir. “Não é realmente um belo costume”, observou Boas, “que estes ‘selvagens’ sofram todo tipo de privações em comum, mas nos momentos de alegria, quando alguém traz um butim da caçada, eles se juntem para comer e beber? Eu muitas vezes me pergunto quais as vantagens que a nossa ‘boa sociedade’ possui sobre a desses ‘selvagens’. Quanto mais observo seus costumes, mais me convenço de que não temos por que nos considerarmos superiores. Onde, em nossa sociedade, encontraríamos tamanha hospitalidade? Aqui, sem a menor queixa, eles estão dispostos a fazer todos os trabalhos que lhes são exigidos. Nós não temos o direito de criticá-los por sua forma de vida e suas superstições, que podem nos parecer ridículas. Os esquimós estão sentados ao meu redor, as bocas cheias de fígado de foca cru (a gota de sangue no verso do papel mostra que eu também participei). Como

ser pensante, o resultado mais importante desta viagem para mim está no fortalecimento do meu ponto de vista de que o conceito de um indivíduo ‘cultivado’ é meramente relativo, e que o valor de uma pessoa deve ser julgado pelo seu Herzenbildung (cultura do coração). Esta qualidade está presente ou ausente aqui entre os esquimós, tanto quanto entre nós.”

Boas viu a cultura como um traço distintivo da humanidade; ele resistiu aos vários exercícios classificatórios que procuraram estabelecer hierarquias entre as culturas; ele lembrava aos antropólogos que sua tarefa primordial era registrar cuidadosamente as informações etnográficas específicas sobre o maior número possível de sociedades “primitivas” diferentes, antes de seu desaparecimento – eis os aspectos básicos de sua posição.

Retirado de: Cultura: uma visão antropológica. Sidney W. Mintz. Traduzido por James Emanuel de Albuquerque. IFCS. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.